

MOURINHO ROCKSTAR



AS DUAS FACES
DO TREINADOR
MAIS POLÉMICO
DO MUNDO

LUÍS AGUILAR

Autor de
El Portugués e Jogo de Vida ou Morte

ÍNDICE

CAPÍTULO 1

A Construção de um Anti-Herói 7

CAPÍTULO 2

Mourinho vs. Síndrome de Gil y Gil..... 27

CAPÍTULO 3

O Treinador *Rockstar*57

CAPÍTULO 4

Meu Querido Rebelde71

CAPÍTULO 5

Entra o Vilão 95

CAPÍTULO 6

Inimigo às Portas 127

CAPÍTULO 7

O Amigo José..... 149

CAPÍTULO 8	
Fraude	161
CAPÍTULO 9	
Amor Adiado	175
CAPÍTULO 10	
Dr. House ou Dexter?	189
Bibliografia	199
Cronologia e Palmarés de José Mourinho	201

CAPÍTULO 1



A CONSTRUÇÃO DE UM ANTI-HERÓI

«Se fizerem um filme da minha vida, penso que poderiam escolher George Clooney para o meu papel. É um actor fantástico e a minha mulher pensa que ele seria o ideal.»

JOSÉ MOURINHO

Dispensa o papel do bonzinho ou do ingénuo. Recusa o discurso do «futebol são onze contra onze e, no final, que ganhe o melhor». O melhor tem de ser ele. O melhor só pode ser ele. Doa a quem doer.

Fala sobre os poderosos sem medo. Transmite confiança e atitude. É um provocador nato de adversários e um perito em usar ou inventar contrariedades para motivar os seus jogadores. Não é um herói. Não é um vilão. E a pergunta, certamente, não é quem deve fazer dele num filme. Seja George Clooney ou outro qualquer. José Mourinho

não precisa de actor. É um actor de si próprio. Criou a sua personagem. É o protagonista da sua história. E do futebol mundial. Um anti-herói dos tempos modernos. Com o pacote completo: «Sou José Mourinho, com todas as minhas qualidades e defeitos», como disse no dia em que foi apresentado como novo treinador do Real Madrid, a 31 de Maio de 2010.

Mas o que é um anti-herói?

Numa definição urbana, o anti-herói é um protagonista com imperfeições. Faltam-lhe muitas das características heróicas comuns. Nem sempre nobre, nem sempre justo, nem sempre humilde, nem sempre correcto. Mas é sempre um protagonista. E é bem mais interessante do que o típico herói. Tem pimenta, tem tempero, tem polémica. Sente-se bem nesse papel. Gosta de ser um rebelde (ou *badass*, na expressão inglesa). Gosta de viver à margem das regras. Rejeita o espírito do politicamente correcto. Recusa ser «mais do mesmo». **Afasta-se da banalidade e desafia o sistema.** É senhor da situação. E faz tudo com estilo. Um estilo próprio. Um estilo único.

Estes são traços muito vincados na personalidade e postura de José Mourinho, bem descritos pelo espanhol Francisco Alcaide, perito em gestão empresarial, num texto publicado no seu blogue, a 30 de Novembro de

2010, poucos meses depois de o treinador português ter chegado ao Real Madrid.

«Muitas pessoas perguntam-me o que tem Mourinho que fascina uns e outros, ainda que não o digam. Poderíamos dizer que Mourinho é para o futebol o que Risto Mejide [figura controversa da televisão espanhola] é para os *reality shows* e o dr. House para as séries de televisão. *A priori* são personagens que a lógica diz que deveriam ser repudiados pelo grande público. Parecem “cheios de si”, são altivos, provocadores, com uma certa prepotência e presunção e, no entanto, as pessoas gostam ou, pelo menos, para muitos são atraentes ou despertam interesse.»

Alcaide salienta ainda que os «vilões atraem porque dizem coisas que a maioria das pessoas não se atreve a dizer e transformam-se num exemplo face à nossa cobardia. Os bons chegam até a ser tontos, porque, apesar das rasteiras que nos pregam a vida e os amigos, reagem sempre bem».

Mourinho tem essa coragem, essa honestidade pesada que muitas vezes substitui as boas maneiras, mas está longe de ser um vilão na definição cinematográfica da palavra. Não tritura os inocentes, nem dirige a sua força para fora do circuito dos adversários. Além disso, é um marido presente e um pai extremoso.

Numa entrevista concedida à edição inglesa da revista *Esquire*, a 5 de Março de 2014, Mourinho chega ao estúdio acompanhado pela sua filha de 17 anos, Matilde, que tem um interesse por fotografia. O pai aproveita a oportunidade para falar com um fotógrafo sobre quanto se pode ganhar na profissão e que programas de edição de imagem deve comprar para Matilde. Naquele momento, não há máscaras. Apenas José, o pai, a mostrar interesse em ajudar a filha a cumprir os seus sonhos e objectivos. Depois, a entrevista é retomada e volta o rosto cerrado e o olhar tenso. Regressa Mourinho, o treinador. Alguém que se recusa a ser uma vítima e a sufocar a sua existência entre lamúrias e conformismos. Criou uma personagem dura para viver num mundo duro, como o futebol de alta competição, e sabe que não pode facilitar nem estar desatento. Tem consciência de que não deve esperar pelos ataques inimigos para responder. Muitas vezes, provoca a guerra. Antecipa-se. Para não cair. Para continuar no topo. Num pódio de um único lugar. Sem espaço para segundos e terceiros classificados. Tal como se costuma dizer no futebol, «o segundo é o primeiro dos últimos».

Uma ideia bem ilustrada na personagem de Daniel Plainview, o barão do petróleo no filme *Haverá Sangue* (2007), que valeu um Óscar de Melhor Actor a Daniel Day-

-Lewis. Plainview, tal como Mourinho, chega ao topo depois de um árduo caminho. Nesta ascensão, revela o seu desejo: «Não quero que mais ninguém tenha sucesso.»

A concorrência não pode superá-lo. Porque, nesse caso, ele perde. Não é vitorioso. O mesmo acontece com o futebol de alta competição. Este é o principal ingrediente entre as equipas de primeira linha. Mourinho é contratado pelos melhores clubes para ganhar, para conquistar mais títulos do que os seus adversários. Para derrotá-los. Os perdedores não têm espaço. Jamais sobrevivem sem taças para mostrar. Sempre foi assim. O próprio Bill Shankly (histórico treinador escocês do Liverpool entre 1959 e 1974) repetia: «Se chegas em primeiro és o primeiro, se chegas em segundo não és nada.»

Não foi Mourinho que inventou este jogo, mas sabe jogá-lo como poucos. Percebeu, desde muito cedo, que não basta trabalhar melhor do que os outros para vencer dentro de campo. Também é necessário tentar desestabilizar os oponentes. Os outros treinadores. Os outros jogadores. Os outros adeptos. É aqui que entram os seus famosos *mind games*. Um conjunto de palavras e atitudes com o duplo intuito de motivar as suas tropas e perturbar o exército inimigo. Mais uma vez: estas técnicas sempre existiram. A diferença não está em fazê-lo, mas na forma

como ele o faz. Sem nunca perder de vista o principal objectivo: a vitória.

O sucesso de Mourinho no Real Madrid não é compatível com o sucesso de Guardiola no Barcelona. As vitórias de Mourinho no Chelsea não podem ser inferiores às vitórias de Pellegrini no Manchester City, de Van Gaal no Manchester United, de Arsène Wenger no Arsenal ou de Brendan Rodgers no Liverpool.

Todos eles lutam pelo mesmo sucesso. Pelos mesmos títulos. E os títulos não podem ser repartidos. Mourinho ama essa batalha. Mais: adora vencer. Foi o que respondeu a Johan Cruyff numa das muitas guerras que manteve com ele ao longo dos anos. O holandês tinha dito que Mourinho não era um treinador de futebol, mas de títulos.

Resposta: «Há uns dias alguém disse que sou um treinador de títulos e não de futebol. Obrigado. Gosto de ser um treinador de títulos», ironizou Mourinho, após a vitória do Real Madrid na final da Taça do Rei (1–0) frente ao Barcelona, em 2011, com um golo de Cristiano Ronaldo no prolongamento. Esse tinha sido o 18.º troféu da carreira de Mourinho, num percurso de treinador principal que tinha começado apenas na época 2000/2001.

Mourinho é o produto ideal na era dos máximos resultados a curto prazo. Ele próprio diz que não precisa

de muito tempo, nem quer muito tempo. É esse o seu discurso na chegada a cada novo clube. É para isso que lhe pagam milhões. Para ser o primeiro rapidamente. E, nesse aspecto, tem superado as expectativas de uma forma assombrosa.

Primeira época completa no FC Porto (2002/2003): Campeonato, Taça de Portugal e Taça Uefa. Segunda época no FC Porto: Supertaça portuguesa, Bicampeonato, Liga dos Campeões (a primeira da sua carreira e a segunda na história do clube, depois da conquista de 1987, com Artur Jorge).

Segue viagem para o Chelsea do milionário Roman Abramovich. Chega com a *Champions* no bolso, o olhar desafiante, a juventude dos seus 41 anos e a irreverência de um treinador com a ambição de se destacar dos demais. Nasce o *Special One* na conferência de imprensa de apresentação. Mourinho sente que os jornalistas levantam dúvidas sobre o seu valor e a sua real capacidade para vencer na competitiva liga inglesa. Um desafio bem mais exigente do que alcançar êxitos com um dos três grandes do campeonato português.

«Por favor, não me chamem arrogante, mas não sou mais um do fundo da garrafa. Ganhei a *Champions League* e penso que sou especial.»

Os tablóides ingleses deliraram. Ali estava alguém que lhes dava luta, que lhes respondia, que lhes proporcionava grandes manchetes. «Melhor ainda», pensaram, «ali estava alguém que se haveria de arrepender das suas palavras quando as primeiras derrotas aparecessem». Começaram os mil e um artigos de troça e de descrédito para com o portuguesinho recém-chegado.

Frank Lampard, que viria a ser um dos grandes jogadores do Chelsea de Mourinho, recordou esse momento na sua autobiografia, *Totally Frank* (2006).

«Vi a sua apresentação na televisão, tal como toda a gente. Eu, o JT [John Terry], o Bridgey [Wayne Bridge] e o Joe Cole estávamos a estagiar no hotel com a selecção de Inglaterra, em Manchester, na preparação para o Euro 2004, quando Mourinho explodiu nas nossas vidas. Vi a sua performance na conferência de imprensa em Stamford Bridge e pensei que ele vinha com arrogância e muita confiança, mas não tenho problemas com isso quando alguém tem as medalhas no seu cacifo para justificar a atitude. A partir do momento em que o vi lidar com os *media* no seu primeiro dia no Chelsea, percebi que havia algo que o diferenciava dos outros.»

Os meios de comunicação britânicos iriam perceber a mesma coisa em pouco tempo. Afinal, o treinador que se

intitulava «especial» era mesmo o *Special One*. Campeão na sua primeira época na *Premier League*. O Chelsea não ganhava a liga há 50 anos. Mourinho quebrou esse jejum. Tornou-se o rei de Stamford Bridge e o inimigo público número um de todas as outras equipas. Terminou o campeonato com 93 pontos, 12 de vantagem sobre o Arsenal, segundo classificado. Uma campanha tranquila. Como se estivesse em Inglaterra há vários anos. O futebol inglês percebeu que estava a entrar numa nova era. A era Mourinho.

Nessa mesma temporada, conquista a Taça da Liga e alcança as meias-finais da Liga dos Campeões, perdendo para o Liverpool. Na segunda época, o campeonato voltaria a ser um passeio no parque. Primeiro lugar com 91 pontos e oito de avanço sobre o todo-poderoso Manchester United, de *Sir Alex Ferguson*.

Estava dado o mote e a receita de um homem que, nas primeiras duas épocas, consegue vencer quase todos os títulos em disputa e destronar os antigos campeões. Fez o mesmo no Inter, onde juntou mais uma Liga dos Campeões, ao seu currículo, e no Real Madrid. Este seria o desafio maior porque, do outro lado, estava a melhor equipa da história do Barcelona e uma das mais fortes de sempre do futebol mundial. Na primeira época,

Mourinho ganhou a Taça do Rei. Na segunda, foi campeão. Desgastou o seu adversário e Guardiola precisou de tirar um ano sabático antes de voltar ao activo para comandar o Bayern de Munique.

As vitórias de Mourinho também lhe permitem fazer um reforço da sua autoridade em cada clube por onde passa. E essa é uma das suas máximas: «No futebol podemos controlar tudo, menos os adeptos.» Se bem que, no caso de Mourinho, até os adeptos chegam a ser controlados.

Para vencer, precisa de actuar com a conivência e o total apoio do poder directivo. Necessita que a sua estratégia seja apoiada. E foi como disse Lampard: «Tem os títulos no cacifo para justificar essa atitude.»

Mas sempre foi assim. Mesmo quando não tinha qualquer nome no futebol. Mesmo quando estava a começar. Quem o diz é Rui Faria. Seu adjunto. Seu preparador físico. Seu braço-direito em todas as decisões desde os tempos da União de Leiria. Foi aqui, num pequeno clube, que Mourinho necessitou de relançar a carreira depois de uma saída complicada do Benfica, quando as águias se recusaram a renovar-lhe o contrato após alcançar uma vitória caseira contra o Sporting (3–0).

Ainda antes destas aventuras, começa a traçar-se a personalidade de um treinador polémico e rigoroso. Em

Setembro de 2000, Mourinho abandonou o Barcelona (onde era adjunto do holandês Louis Van Gaal) para se arriscar numa carreira de técnico principal. Meteu as malas no seu *Volvo* preto e regressou a Setúbal, a sua cidade natal. Foi aqui que começou a elaborar a chamada «bíblia». «Um documento que nunca será publicado», como o próprio fez questão de frisar em diferentes momentos. É a versão escrita das suas ideias. «Anotadas de forma sistemática, dia a dia, hora a hora.» Título: «A evolução dos meus métodos de treino.»

Já com o campeonato a decorrer, substitui o alemão Jupp Heynckes no Benfica, mas começa logo por mostrar os dentes às possíveis intromissões dos dirigentes quando lhe sugerem para o cargo de adjunto o experiente Jesualdo Ferreira, seu ex-professor no ISEF (onde Mourinho se licenciou em Ciências do Desporto). «Um burro, mesmo que trabalhe 30 anos, não se transforma num cavalo.» É a primeira aparição pública do seu lado bombástico.

Tinha sido contratado pela direcção de João Vale e Azevedo, com um vínculo válido até ao final da época em curso. Mas Manuel Vilarinho venceu as eleições e rendeu-se ao sebastianismo de voltar a ter Toni como treinador principal (a sua promessa eleitoral). Mourinho

não queria viver com o fantasma de outro treinador e aproveitou a vitória robusta contra os leões para tentar negociar a renovação de contrato por mais uma época, de forma a fortalecer a sua posição aos olhos dos jogadores. O pedido foi recusado e Mourinho bateu com a porta. Ali, pela primeira vez, chocou de frente com os poderes antagónicos de uma direcção. A restante história é conhecida e acabou mal para a direcção de Vilarinho. O Benfica terminou o campeonato em sexto lugar (pior classificação da sua história). O treinador em início de carreira seguiu a sua viagem para um clube com menos condições, mais pequeno, mas onde continuava disposto a nunca permitir qualquer interferência externa no seu trabalho. Por mínima que fosse.

No documentário *Mourinho — 10 Anos de Carreira* (transmitido pela SIC), Rui Faria lembrou uma história passada nos primeiros dias de trabalho em Leiria. Alguns dirigentes do clube pisaram o relvado com a sessão de treino ainda a decorrer e Mourinho soltou um violento grito para os patrões: «Saíam já daqui!» O preparador físico temeu que pudessem ser demitidos no mesmo instante. Não houve qualquer demissão, claro, e Mourinho aproveitava um pequeno detalhe para reforçar a sua autoridade.

Entre a Luz e Leiria começa a mostrar uma marca fundamental da sua identidade, que seria aumentada com a chegada das grandes vitórias. O presidente das suas equipas não é Pinto da Costa, Roman Abramovich, Massimo Moratti ou Florentino Pérez. O presidente da equipa é ele. Não aceita trabalhar de outra forma. Sabe que as cedências podem ser suficientes para passar a imagem errada ao grupo de jogadores e não atingir o sucesso. Em suma, e em bom português, não engole sapos.

Diz com regularidade que as vitórias lhe permitem trabalhar onde quer e definir cada projecto com mais qualidade e independência. É por aqui que se emancipa em relação aos seus presidentes e a muitos treinadores de equipas adversárias.

«O meu modo de afirmação é só um: ganhar. E eu ganhei sempre.»

E também sabe que este estatuto só pode ser alimentado (e aumentado) com êxitos constantes: «Se não ganhasse, de especial não tinha nada.»

A fórmula parece simples de decifrar, mas difícil de alcançar. Vitórias trazem poder, poder traz independência, mais independência traz ainda mais vitórias.

É por isso que Mourinho é um seguidor da regra contratual do italiano Arrigo Sacchi, um dos melhores

treinadores de futebol de sempre e uma das grandes influências do português.

Sacchi, como Mourinho, exigia salários muito elevados, com elevadas cláusulas de rescisão, para não poder ser demitido (ou ameaçado com o despedimento) ao mínimo desaire ou desacordo com a direcção.

O livro *Código Mourinho* (2012), de Juan Carlos Cubeiro e Leonor Gallardo, conta uma história interessante sobre o valor monetário que o Real Madrid investiu em Mourinho.

«No dia 19 de Outubro de 2010, na entrega de prémios da associação de jornalistas de economia, “escapou” ao presidente do Real Madrid, Florentino Pérez, que Mourinho recebia 15 milhões de euros por temporada. “Quinze milhões, porém brutos”, esclareceu, ao que Emilio Botín, presidente do grupo Santander, que estava ao seu lado, respondeu: “Bolas, recebe mais do que eu!”»

Mourinho não era apenas o treinador mais bem pago do campeonato. Recebia mais do que qualquer um dos principais executivos dos grandes bancos e das grandes empresas espanholas.

Qualquer presidente pensa duas vezes antes de demitir um treinador que auferir 15 milhões de euros por época e ainda tem mais um ou dois anos de contrato. Não

cai no erro de o despedir ao primeiro resultado embaraçoso ou à primeira divergência de opiniões. Aprende a ter calma e a esperar pelos frutos do trabalho. Neste particular, Florentino Pérez mostrou sempre ser um gestor inteligente. Nunca cedeu a pressões de outros dirigentes que quiseram ver Mourinho pelas costas quando o Real foi ao Camp Nou ser goleado pelo Barcelona (0-5) no primeiro superclássico de Mourinho em Espanha. O campeonato continuou, assim como o contrato de Mourinho. Lentamente, o técnico português foi retirando títulos e poder ao Barça. Talvez não fosse assim se tivesse um salário mais baixo. Mas esse risco ele nunca iria correr, nem precisa de correr.

Estamos a falar de alguém que aprendeu cedo o perigo e a frustração de ser um treinador sem poder. Não por ele, mas pelo pai. Desde novo que se recusou a passar pela mesma situação que o seu progenitor, também treinador, teve de enfrentar. Essa motivação tornou-o ainda mais forte. Através do seu pai, viu a força destruidora que os presidentes podem ter. Especialmente os presidentes da velha escola latina. Muito virados para o comando ditatorial. Homens que confundiam liderança com patronato. Funcionários com escravos. Mourinho é de outra geração. De outra escola. Diz que, para ele, «liderar não é

mandar, é guiar». Mas conheceu o outro lado pelas vivências técnicas do seu próprio pai.

Aqui surge outra característica bem patente nos anti-heróis da sétima arte: o desejo de vingança. A motivação plantada pela vendeta. Mesmo que esse seja um sentimento que ele possa não aceitar, ou que pense ter bem escondido no seu ser, a verdade é que lhe deve dar um prazer enorme chegar a clubes e dobrar presidentes à sua vontade. E de quem se poderá estar a vingar Mourinho? De todos aqueles que simbolizam os presidentes que minavam a autoridade do seu pai, que não o deixavam trabalhar e que, assim, o impediram de alcançar sucessos.

Nas equipas de Mourinho, o poder do clube sai do fato e gravata do presidente e passa para a área técnica. Para o seu sobretudo ou fato-de-treino. É um *boss*. O *boss*. À boa maneira inglesa. Ao estilo de Alex Ferguson.

Dá-se aqui uma outra analogia de poder. Como se os presidentes fossem o governo ditatorial e os treinadores, ou jogadores, fossem a população oprimida. Até que chega alguém que consegue inverter o rumo e devolver o poder aos verdadeiros protagonistas da história. Um treinador mais poderoso do que os seus presidentes. Parece uma visão romântica quando comparada com os estilos

directivos totalitários do futebol das décadas de 80 e 90 do século passado. Mas essa é a realidade de Mourinho.

Um pouco como no filme *V de Vingança* (2005), realizado por James McTeigue. V é o anti-herói da máscara com completa desconsideração pelas leis totalitárias da sua sociedade (neste caso, uma versão de nazi-fascismo britânico). Mas não é apenas uma personagem. Não é uma pessoa. É uma ideia que transcende o espaço e o tempo. É o anti-herói que vive dentro de todos nós. É um rosto de mudança para uma sociedade que precisa desesperadamente de uma revolução. De repente, está sozinho, em frente a vários homens armados, apenas com as suas adagas para se proteger. À sua frente está Creedy, o homem que representa a corrupção, tortura e opressão maquiavélica de um regime infernal. Este diz a V para analisar a situação e render-se porque as suas adagas nunca terão hipótese contra tantas armas de fogo. Mas Creedy vê apenas o que está à superfície. V, tal como Mourinho, observa o que os outros não vêem. Consegue olhar para o que ainda não chegou. E explica a imortalidade do seu conceito: «Debaixo desta máscara há mais do que carne. Debaixo desta máscara há uma ideia, senhor Creedy, e as ideias são à prova de bala.»

Mourinho criou uma personagem e uma ideia que vivem além dele. Tirou o poder dos poderosos e lançou

um novo ciclo no futebol mundial. Uma nova era da qual muitos outros treinadores têm beneficiado. Se há competência, resultados e uma liderança justa, os grandes protagonistas do futebol (treinadores e jogadores) nada têm a temer dos desvarios opressores dos presidentes. Pelo contrário. Os adeptos estarão sempre do lado dos treinadores e jogadores vencedores. E a única coisa que exigem aos presidentes é que consigam dar condições a esses protagonistas e se remetam para o papel secundário que devem ocupar.

Trata-se da elevação máxima do lema de V aplicado à indústria do futebol: «O povo não deve ter medo do seu governo. O governo é que deve ter medo do seu povo.»

No caso de Mourinho...

«Os treinadores não devem ter medo dos seus presidentes. Os presidentes é que devem ter medo dos seus treinadores.»

AMA-SE ou ODEIA-SE

A biografia profissional e passional de Mourinho através das maiores controvérsias que teve com jogadores, treinadores, dirigentes e jornalistas.



Em 2011, quando era treinador do Real Madrid, **JOSÉ MOURINHO** foi considerado a «estrela *rock* do ano» pela edição espanhola da revista *Rolling Stone*. Foi a primeira vez que esta publicação elegeu como *rockstar* uma figura não pertencente ao mundo da música. Motivo? «Pela arte maquiavélica de irritar toda a gente.» Por encarnar um espírito *rock'n'roll* na forma como encara os desafios da sua profissão. Um homem que se ama ou se odeia. Sem meio-termo. Mourinho nunca provoca indiferença. Para o bem e para o mal.

MOURINHO ROCKSTAR mostra os dois lados deste homem. Um anti-herói dos tempos modernos. Retratado por aqueles que privaram com ele. De Ibrahimovic a Pep Guardiola, passando por Alex Ferguson, Jorge Costa e Sergio Ramos, entre muitos outros. De um lado, os que o admiram. Do outro, aqueles que não o suportam.



«José Mourinho: *veni, vidi, vici*. Chegou a Itália, ganhou tudo e partiu.
Vamos sentir a sua falta. Mourinho é uma personalidade única.
Nunca é banal e está sempre bem informado.
É um fenómeno a estudar. É um exemplar único, não existem cópias.»

ARRIGO SACCHI



Veja o vídeo de apresentação deste livro.

www.vogais.pt

v o g a i s

com todas as letras

20|20 editora

ISBN 978-989-668-271-2



9 789896 682712

Biografia/Memórias